

Jose Barbosa da Costa Lemos

# O BERÇO DA MONARCHIA

PROPRIETARIO, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES.

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS E SABBADOS

ANNO I.

SABBADO, 10 DE JUNHO DE 1871

NUMERO 9

GUIMARÃES, 9

O sr. governador civil.

O nosso illustrado collega do «Bracarense» fez reparo, em que achassemos impossivel o sr. governador civil d'este districto, e diz-nos na sua esmerada linguagem, que todo aquelle que se desvanecesse do grão eminente em que a fortuna o collocou, mostra que não foi feito para subir tão alto.

É certo, collega, que os mais elevados postos são sempre inferiores para as almas grandes. O que possui merito real, não se desvanece, nem incha, com a posse da vara, porque nada ha mais alto do que elle proprio. Estará n'este caso aquelle que hoje é a primeira auctoridade do districto de Braga?

A essencia burgueza e bonacheirona do sr. governador civil, poderá traduzir-se por modestia?

O illustrado collega, que delicadamente nos reprehende d'aquillo a que chama aggressão d'sabrida, não terá tomado parte no riso espontaneo de toda a gente do districto, pelas palhaçadas do sr. governador civil?

Pois como conseguio o «Bracarense» abafar a gargalhada, sabendo, como sabemos todos, que o

sr. governador civil mandou bordar os canhões da farda a Lisboa, dentro de um officio, que dizia no subscripto — *serviço nacional e real*?

Como pôde o collega sustentar o riso, quando foi publico, que o sr. governador civil mandára comprar um bilhete de platêa para assistir a um espectáculo theatral na cidade que é cabeça do districto, e observando-lhe o continuo por quem mandára fazer a compra, que era costume occupar, a primeira auctoridade, um camarote, o mesmo sr. dissera — *tanto melhor que poupamos esse dinheiro*?

Como se pôde levar a serio o homem, constituido em magistrado de primeira graduacão, que não deixa uma semana o seu antigo officio de advogado no auditorio d'esta cidade, vindo aqui todos os sabbados, nos carros da praça, — acompanhado dos chapeteiros, que fazem o seu commercio n'aquelles dias de feira, — e que recebe das partes os 80 reis do conselho que dá?

Como é possivel tolerar-se n'um lugar eminente, que requer decencia, educação e dignidade, o homem que soffre a um de seus administrados, que lhe diga — *ou v. exc.<sup>a</sup> apoia e faz passar esta medida de toda a conveniencia para o commercio bracarense, e fica governador civil, ou, no caso contrario, não é oito dias*

auctoridade?

E o collega ignora por ventura o resto d'aquelle bulesco episodio? O sr. governador civil perguntou, muito de manso, ao audacioso, quem lhe affiançava, no caso de o servir, a sua conservacão no logar! E o parlapatão, conhecendo o semelhante, respondeu-lhe, em tom de alta tragedia, — *a minha cabeça!*...

É isto ser popular, collega?

Popular, foi o sr. conde d'Azemha, que fazia pizar pelos tamanhos do povo os custosos tapetes do seu palacio, mantendo na devida altura a supremacia da primeira auctoridade de um districto.

Popular, foi, e é, o sr. visconde de Pindella, que passeou sozinho, quando governador civil, pelo meio dos amotinados, na celebre janelada, e que todos acatarem e ainda hoje veneram, como prototypo dos verdadeiros cavalheiros.

Popular ao extremo, foi el-rei o sr. D. Pedro V de sandosissima memoria, que soube sustentar no mais subido grão, a magestade do seu officio de rei.

O que sabe estender a mão ao povo, não desce, sobe; mas o que bebe com elle na taberna, nunca pôde impor-lhe preceitos.

Estimar, não é confundir.

O que governa, deve mostrar

sempre porque mereceu a sua superioridade.

O sr. governador civil actual, não é popular, é rasteiro.

No artigo, a que respondemos, diz-nos o collega: — *«Lá pelo berço da monarchia, pelo que se collige, não se respeitam se não os chapêos de plumas e os fardalhões agaloados. Não andar uma auctoridade constitucional revestida de fofices e apparatus como um semi-deus, é crime em Guimarães!*»

Colligio mal, collega. Se nos merecessem alguma consideração os gallões, teriamos de respeitar os que mandou vir de Lisboa, em *serviço nacional e real*, o actual sr. governador civil, que, por mais penas de pavão que busque, ha-de ser para nós sempre galha.

O que nós respeitamos em 1871, como se respeitou no anno de 500, e como ha-de respeitar-se no de 3:000, são as acções *fidalgas* dos que sabem prezar a propria dignidade e a do cargo que exercem, e conhecer, para o evitar, a tristissima figura, que faz a azémala vestida com a pelle do leão.

Ainda bem, que o sr. governador civil, é apenas *residente* no berço da monarchia. Se fosse natural d'esta cidade, folgariam os bracarenses com a posse do bôbo, para acabar pelo ridiculo a remessa dos

## FOLHETIM

Senhoras portuguezas.

III

Marianna de Abreu, chamada a Marianninha, natural de Abrantes, donzella que contava dezoito annos quando morreu, e que foi de grande e agudo engenho, como bem mostrou no estudo da lingua latina, philosophia e musica, que aprendeu com facil applicação. Escreveu um cathalogo de todos os varões insignes em armas até D. João de Castro, dando individual noticia de todas as acções illustres. Tambem escreveu um livro com o titulo de «Philosophia Moral» e outro chamado «Rhetorica Moderna».

Dona Monica Joaquina Josepha, filha do capitão Braz Pereira da Silva, e de D. Margarida Josepha de Lara, foi poetisa de bom nome. Escreveu uma «Elegia Portugueza» á feliz chegada da serenissima princeza de Castella a Portugal, contendo dois mil seiscentos e tantos versos. É producto do engenho d'esta senhora portu-

gueza, a descripção de Roma antiga e moderna, com mil e tantos versos, que tem por titulo — «Roma illustrada.» Tambem escreveu, em verso, uma obra chamada — «Virgilio defendido, e Homero accusado».

Maria de Mesquita Pimentel, religiosa de S. Bento, e douta heroína portugueza, aprendeu as linguas latina, grega, syriaca e arabica. Foi poetisa mui celebrada no século em que viveu, como se vê no livro que deixou escripto, intitulado — «Infancia de Christo, e triumpho do Amor Divino.» impresso em Lisboa, em mil seiscentos e trinta e nove.

Dona Ignacia Xavier, natural da cidade de Braga, foi uma das senhoras mais illustradas do seu tempo. Estudou philosophia, mathematica, cirurgia e medicina. Ordenou um livro de rhetorica, a que chamou — «Arte de bem fallar.» outro das antiguidades de Braga, e outro das acções de uma veneravel matrona, morrendo no anno de mil seiscentos quarenta e sete.

Joanna Michaela, foi natural da «Villa» de Guimarães, e filha de Pedro Machado, e Dionizia de Macedo.

As prendas naturaes, e as adquiri-

das por esta famosa heroína, lhe deram por esposo o tenente coronel de cavallaria, Antonio Mendes de Brito. Além da lingua materna, em que era perfeita, fallava com elegancia a latina, italiana, grega, e «chimeica», que aprendeu, em seis mezes, de um mancebo de Pekim. Estudou philosophia, theologia, mathematica, astrologia, musica e arithmetica, chegando a adquirir espantosissima erudição.

Ficarei hoje na «villa» de Guimarães, onde, em tempo, houve uma donzella que aprendeu, além de muitas mais, em seis mezes, cousas «chinezas!»...

Que dizem VV. Exc.<sup>as</sup> a isto, amaveis conterrancas d'aquella immensa Joanninha?

Não lhes causa alguma invejzita, a fama historica da estudiosa e douta senhora?

Por maior que seja a bondade de VV. Exc.<sup>as</sup>, bondade em que eu acredito tanto como creio no destino, é quasi impossivel não haver emulacão d'aquella feliz conterranea, que teve força para chamar a si um tenente coronel de cavallaria!

E não pensem VV. Exc.<sup>as</sup> que, era

da importancia de hoje, igual posto n'aquelle tempo. Agora, um marechal de campo, não tem o valor que então se dava a um official superior da arma de cavallaria.

Quantas bellas descendentes d'aquella douta e formosa creatura, lerão este escripto?

Pois, minhas muito respeitaveis senhoras, se o que fica mencionado com toda a verdade historica pôde causar em VV. Exc.<sup>as</sup> algum estimulo, — peço-lhes que não levem o desejo de imitação até á «China...» E' este um pedido innocente, em que toma parte a minha solemne embirração com tudo que é chinez!

Guimarães, 8—6—1871.

Miguel Mascarenhas.





governadores civis, que d'aqui lhes fazemos, e que tem sido de cavalheiros dignissimos, exportação de que não gostam, só pela mal intendida rivalidade dos dous povos.

Ainda bem !

## NOTICIAS

**Theatro.** — A companhia dramatica, que actualmente representa no theatro de D. Affonso Henriques, levou á scena na quarta-feira d'esta semana, «Os Filhos», e na quinta «Os Intimos».

São dous dramas de bastante merito, e o desempenho das principaes figuras, é magistral.

«Os Filhos» tem por moralidade demonstrar, além da inconveniencia de uma educação descuidada, a quebra em que se vê a classe elevada da sociedade, exaltando os sentimentos da gente mediana.

Parece-nos esta ultima parte um pouco exagerada. Nem a aristocracia, geralmente, tem descido tanto, nem a burguezia, em regra, assumio o gráo de perfeição que alli se pinta.

Em todo o caso, o desempenho do drama foi soberbo. A sr.<sup>a</sup> Lucinda Simões é inexcedivel na interpretação das scenas XIII e XIV do segundo acto, e na da scena VI do quarto.

O sr. Simões, é bom actor, e nada deixa a desejar no desempenho do seu papel de paiz extremoso.

Os «Intimos» é um drama de sublime engenho e de fina linguagem, que o traductor imitou muito bem. Desenham-se n'elle com ri-

gorosa verdade, os typos mais salientes da sociedade actual.

O sr. Soller, no papel difficilimo de verdadeiro amigo, a que é levado pelo coração, e em que tem de lutar sosinho contra as ciladas de um amor calculado, que devia manchar a familia que elle présa, porque lhe queria chamar sua, — chega a arrebatat os espectadores.

Houve quem quizesse achar a peça immoral, só porque, nas primeiras scenas, uma senhora casada sente estremecer o coração por um homem que não é seu marido, e ao qual ella chega a abominar, quando reconhece n'elle um affecto calculado, que a teve quasi precipitada no abysmo.

É nossa humilde opinião, que uma peça só póde considerar-se immoral, quando o seu desfecho deixa campear o crime. Agora aquellas, onde a malvez é posta em relevo, para se lhe dar a devida punição, ou o merecido desprezo, como acontece nos «Intimos» — são para nós um optimo aviso aos incautos, que desejamos sempre vêr em scena.

Podemos asseverar, que não é facil encontrar pelas provincias uma companhia tão regular, como aquella que nos tem deliciado.

**Passeio publico.** — Não ha villa de Portugal de alguma importancia, que não tenha o seu jardim publico, onde os habitantes vão, ao cahir das calmosas tardes de junho, refrigerarem-se e distrairem-se. Servem tambem de illustração ao povo, aproximando os indifferentes, reunindo os amigos, e habituando os que se mal querem a soffrerem o contacto do inimigo, que póde assim tornar-se menos odioso.

merecia o amor contrahido por toda a familia, cantar esta cantiga:

Viva quem anda no baile,  
Mais quem á porta está vendo,  
Vivam os meus lindos amores,  
Que eu d'elles não me arrependo.

e d'aqui estirou largo aranzel em gabos ao moço e protestos de firmeza, que era um gosto ouvi-la.

Pois a estes bailes d'ao pé da porta feitos muitas vezes na casa do adro, ia dançava, quando creança, a Adelininha do adro. Por alli aos domingos boi-boiava aquella mariposa. Pouco tinha sobre os 17 annos quando, por sua vontade, desfreqüentou aquelles folguedos. Nem havia para que estranhar, porque vivia ao sabor dos costumes da gente aldeã; e as meninas mais fidalgas e ricas brincam com as lavadeiras e filhas dos pobres; vão aos bailes das raparigas e não arreceiam dançar com as tricanas. O jogo da «bilharda, da pedrinha» e outros, e os folguedos populares, que nas aldeias são tão singelos e engraçados, por muitas vezes, deante de mim, entrefêm os animos da gente das cidades, que, alheando-se cousas serias, sentem a alma a afinar-se pelo limbre singelo e alegre d'aquelle gostoso viver.

E até aquella educação das aldeias tempera a alma e dá um brilho estranho aos que vivem longe d'ellas. As filhas dos lavradores abastados aprendem o com que se lustram as senhoras da cidade, não aquellas que só sabem voitear na

Guimarães, o berço da monarchia, não tem um passeio publico !

Não accusamos d'esta falta, esta, ou outra qualquer camara municipal. Lamentamos o desleixo de todas, e de todos os vimaranenses; que podiam e deviam concorrer, para tudo que tendesse ao engrandecimento d'esta terra.

Accordem do lethargo, que mais vale tarde que nunca.

**Carestia da carne de vacca.** — São immensos os lamentos das classes menos abastadas da sociedade, contra o preço elevado da carne de vacca, o mais util e necessario dos alimentos.

Em verdade, não podem, o artista e o operario dar 240 reis por cada kilo de carne.

Pedimos á illustrissima camara que se digne tomar, podendo, algumas providencias, que utilisem á pobreza.

**Corpus Christi.** — Sahiu com pompa e magnificência, na quinta-feira, da Insigne e Real Collegiada, d'esta cidade, a procissão de «Corpus Christi», e percorreu o itinerario, antes annunciado.

La acompanhada por varias irmandades e confrarias, bem como pelas ordens de S. Francisco, S. Domingos e Carmo, o revdm.<sup>o</sup> cabildo e a camara municipal.

Fechava este apparatuso prestito o regimento de infantaria 6.

**Comunicado.** — Transcrevemos no lugar competente, do «Commercio do Porto», um comunicado de Vizella, que dá honra a Guimarães, porque n'elle se demonstra haver aqui quem tem conseguido levantar, até certo ponto,

valsa, alambicar expressões amorosas e nacarar as faces de-boladas pelo calor, que lhes dá a atmosphera delinhadora: los bailes ou a idade; mas sim as que se modelam por aquella, que conhecemos pelo livro — «La mère, de Pelletan. Diz elle no prologo: — «Conheço uma mulher que lê muito, e que ainda acha tempo para o governo da sua casa. Uma dama da moda, casada com um diplomata, diz-a-lhe um dia depois de um baile no Hotel de Ville: — o que fazeis, minha cara? ninguém vos vê fóra de casa, e ahí estaes com um livro na mão. — Que quereis? respondeu ella; a leitura é o luxo do espirito. — enfeite por enfeite, este, pelo menos tem o merito da economia.»

Mas além d'isso o ar e os aromas que aspiram, purificam-lhes e edulçuram-lhes a alma e o coração. Nas aldeias, quelle viver livre e aquelle tracto com as noças innocentes, como as flores silvestres dos campos, dá ás filhas dos lavradores abastados um certo encanto de meizure e innocencia, que junto com o polimento d'uma boa leitura, que lhes doutrina os principios do bom e do bello, as torna as unicas mulheres, que podem garantir um futuro de felicidade e converter n'um mar de rosas o leito marital. Ellas têm sempre pendente á cabeceira da cama a imagem da Virgem, a quem deitar e ao levantar fitam e resam, cuidando que ella lhes lê os pensamentos e vê as acções. Para ellas o catre da donzella é um sacrario, e o leito nupcial um altar. E' na vida campestre que se deviam educar as mulheres, para depois irem viver

o interdito aos nossos famosos vinhos do Douro.

**Gracinha inconveniente.** — Consta-nos que em uma das ruas d'esta cidade, passando em carruagem alguns dos principaes cavalheiros d'aqui, dous *meninos engraçados*, dirigiram palavras e gestos exquisitos para dentro do carro, o que revela... máo gosto.

Seria bom que estas scenas intoleraveis na aldeia de Paio Pires, nunca mais se dessem no berço da monarchia, sem haver mister de encommodar a policia.

**Custou-lhe caro!** — Um menino de cinco annos perguntava outro tia a seu papá, que é agiota:

— Papá, o que é comunista?  
— Comunista, filho, é o que pretende viver á custa da propriedade alheia, chamando ainda por cima ladrões aos proprietarios.

— Então o papá é comunista, acudiu o filhinho a quem este raciocinio custou dois hof-tões.

Partido Constituinte.

## COMMUNICADO

VINHOS

Sur. redactor.

Escolho o illustrado «Commercio do Porto» para communicar ao publico, que ha na cidade de Guimarães um cavalheiro dado ao commercio e apuro dos vinhos do Alto Douro, tendo armazens e depositos em diferentes terras de Portugal, e creio que até na rua de Santa Catharina d'essa cidade; o qual merece os maiores louvores pelo disvelo que

para as cidades. A esposa do «Cantico dos Canticos» anhelava ir para a campina viver aquella vida assasoadada de delicias, onde a mulher travessia como a creança, discorre pelos caminhos e campos como o homem, e aspira sósinha, sentada no sereno, as lufadas balsamicas de maio; aqui lesraza as hervinhas, que abafam as flores, alli bebe na concha da mão a agua do regato; além colhe um fructo, d'aquem parte no bico dos pés atrás da mariposa, que voeja em frenezim.

Até o cultivo das flores, que tão bem faz ao espirito da mulher, e que é a amostra do seu simples e innocente viver, falta as filhas das cidades, e é o grande cuidado dos meninas aldeãs. E isto é ponto para considerações philosophicas a que me forro copiando as palavras de Eimè Martin: — «Em todos os paizes as mulheres amam as flores; e fazem ramos, mas só no meio do bem-estar é que ellas concebem a ideia de embellezar com ellas as suas casas. Os que tem percorrido os nossos campos podem dar testemunho d'isto; uma roseira á janella e uma madre-silva á porta d'uma cabana são sempre de bom agouro para o viajante fatigado. A mão que cultiva flores não se fecha nem a suppliba do pobre nem as necessidades do estrangeiro.»

Adelina cresceu no meio d'aquella vida livre, educando o coração e desenvolvendo a intelligencia por estimulo proprio.

## FOLHETIM

### A ADELININHA DO ADRO

CAPITULO II

(Continuado do numero 8).

Porque é que os «casacas» da villa fazem demorado paradeiro no mercado todos os domingos? E' porque a elle vêm as boas moças, d'Alvidro de sara curta apertadas com elegantes e bem justos colleteles, recortados até meio peito, onde pousam os tumentes seios, e abotoados com botões dourados bem trabalhados, com largas arcadas d'ouro pendentés das orelhas e aureo fio de contas ao pescoço, e sobre as penteadas cabelteiras assentando airoso chapéu preto com fivella branca e flôr silvestre á banda. E nas esturdias como ellas são desenvoltas e tão traquinas, que affectam velhos e moços com a sua alegria!

Serecoleiam-se com requebro e graça. Formando comprido cordão de rapazes e moças, se entrançam em dansas simples, bailando a farrapeira e o verde gaio. E' então que da bocca das cantadeiras brotam a flux compridas cantigas tão ligadas e tão travadas, que d'afogadilho e anebadas lhes bate o seio em palpitantes ondas: são ellas repentistas em verso e botam aos rapazes desafios, que duram algumas horas. A' Maria Serrana, a flor do rancho, ouvi eu um dia, ao enxergar á soleira da casa do baile, o rapaz, que lhe



emprega nas lotações dos vinhos referidos, sua classificação, e no emprego das melhores aguardentes, tudo por elle dirigido e vigiado, podendo, aliás, dispensar-se de taes incommodos e trabalhos, porque é senhor de boa fortuna.

Sem receio de ser contestado posso asseverar que se não encontram em todo o paiz vinhos mais puros nem mais agradaveis ao paladar, principalmente tendo a mesma idade.

Especialisarei o vinho denominado — Roncon — producto de uma quinta d'este nome, que é realmente magnifico; e que, attendendo-se á sua boa qualidade e excellente amanho, é barato pelo preço de 700 réis a garrafa.

Os vinhos de que fallo, são vendidos em toda a parte como da casa de Villa Pouca, e o seu dono obteve os primeiros premios nas exposições, a que concorren.

Faço este communicado movido unicamente pelo estímulo de fazer bem ao publico.

Experimentei os vinhos da casa de Villa Pouca, e todos achei excellentes; prestando-se seu dono a que sejam examinados e analysados por toda e qualquer pessoa, que se queira dar a esse trabalho.

Outra vez o repito, é digno de louvor o cavalheiro que assim tracta de levantar o interdicto aos nossos famosos vinhos do Douro.

Pela inserção d'estas linhas no seu acreditado jornal, muito reconhecido ficará o

De v. etc.

Vizella, 25 de maio de 1871.

L. A. P.

## ANNUNCIOS

### È D'ACEITAR!

**D**ÃO-SE cinco libras (e põe-se em deposito) a quem arranjar n'esta cidade um emprego de 300 réis diários.

A quem convier, dirija-se a esta redacção, onde se diz quem o pertende.

## AVISO

**José Narcizo**, encarregado de vender os vinhos da casa de **Villa Pouca**, annuncia que fez uma magnifica acquisição d'algumas duzias de garrafas de vinhos da excellente e antiga garrafeira do ex.<sup>mo</sup> sr Antonio Bernardo Ferreira, novidade de 1825 e 1833, e que vende o 1.<sup>o</sup> a 1:000 rs. e o 2.<sup>o</sup> a 800 rs.

Para se avaliar a qualidade e a pureza d'estes vinhos basta só considerar os creditos e antiguidade da casa a que pertenciam.

Por esta occasião annuncia mais uma qualidade de vinho, da casa de **Villa Pouca**, em prova secca, velho, a 300 rs. a garrafa.

Pede a todos os freguezes que mandem buscar d'estes vinhos para

se desenganarem que o vinho nem só por ser claro é bom, nem por custar 1:000 1:200 e 2:000 rs. O vinho aprecia-se pelo cheiro, peja grossura e pela agoa-ardente pois para se dar em Portugal 1:000, 1:200 e 2:000 rs por uma garrafa de vinho é preciso que elle tenha pelo menos 50 ou 60 annos, e esses vinhos não apparecem senão em muito poucas casas, como n'esta do sr. Antonio Bernardo Ferreira, na do sr. Torres e na de algum inglez. Ora este vinho do sr. Antonio Bernardo Ferreira dá-se por este preço por estar a casa em liquidação, aliás era impossivel, porque só quem trata de lotar os vinhos todos os dias é que sabe os annos que são precisos para pôr um vinho bom sendo uma das primeira condições a agoa-ardente do mesmo vinho.

## ATTENÇÃO

**Domingos d'Amarante** com estabelecimento de hospedaria na cidade do Porto, rua d'Entre Paredes n.º 4, pede aos illustres vimeirantes, que não tem conhecimento do bom serviço do seu estabelecimento, que quando forem ao Porto, vão hospedar-se em sua casa e então podem vêr o bom tratamento, a limpeza, e razoavel preço que faz aos seus hospedes.

## PALHARES

Largo de S. Francisco, 9

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de chegar de Lisboa com um lindo e variado sortido de caxemiras nacionaes, belgas e inglezas, tanto para fatos completos como para calças.

Vaterploff com franja, o que ha de maior novidade para capas de Senhora dispensando guarnição, e um lindo sortido de fazendas de lã para vestidos.

Morins brancos, madapolon, pannos patente, e pannos crús, tudo por preços limitados.

## PRATICANTE DE PHARMACIA.

Precisa-se d'um, que além do bom comportamento tenha para cima de 3 an-

nos de boa pratica pharmaceutica. Aquelle que estiver nas circunstancias, queira dirigir-se à phar. acia Martins, Rua dos Trigaes; que ali se lhe dirá quem o pretende.

## ATTENÇÃO!

Precisa-se de dois individuos habilitados: um a tocar cornetim principal, e outro clarinete principal. Garante-se-lhe ordenado. Quem se achar n'estas circunstancias dirija-se a Manoel de Souza Avidos em Guimarães.

## LIVRARIA NACIONAL

DE Joaquim Jozè Bordalo

24—RUA AUGUSTA—26

LISBOA.

Neste estabelecimento se achão á venda os seguintes livros, e são remettidos para as provincias francos de porte a quem enviar o seu importe em estampilhas, ou sellos á dita livraria (Dá-se gratis um cathalogo de todas as obras de Litteratura, Historia, Poezia, Romances, Comédias, Tramas e scenas comicas que se vendem neste estabelecimento).

O CLERO E A SOCIEDADE, opusculo no qual se demonstram com a historia aberta os innumeraveis beneficios que a sociedade deve ao clero desde a gloriosa revolução do mundo, que começou nos doze Apostolos até hoje; escripto por um Bacharel em theologia, cuja leitura recommendamos.

1 volume..... 120 réis.

NOVO MANUAL DO PRESTIGIADOR, ou livro de sortes divertidas tanto de mãos como de cartas e phisica recreativa, ornado de 80e stampas explicativas. 1 volume.....

NOVO MANUAL DO SABOEIRO, ou arte de fabricar toda a qualidade de sabão e sabonetes, branco, amarello, raiado medicinaes, etc. Preço..... 160 réis.

NOVO MNUAL DO SANGRADOR, meio facil de sangrar com perfeição applicar ventosas, e sanguosugas etc.

Preço..... 160 réis.

MANUAL DE DANÇA, methodo facil para aprender a dançar sem auxilio de mestre, todas as danças modernas mais usadas na boa sociedade.

Preço..... 120 réis.

### Theouro dos Oradores

Acha-se á venda o 1.<sup>o</sup> volume, correspondente ao primeiro anno d'esta publicação, contendo: pra-

licas evangelicas, conferencias, homilias, cincoenta sermões para festividades principaes, e outras materias de summo interesse a todos que frequentam o pulpito.

Preço de cada volume 7:000 réis, franco de porte.

A mesma redacção do **Theouro dos Oradores** se encarrega de enviar qualquer sermão particularmente por 1:600 réis.

Qualquer correspondencia será dirigida á redacção do **Theouro dos Oradores**, rua de S. João da Praça n.º 27, Lisboa.

## ECHO DE ROMA

Assigna-se em Lisboa, em casa do administrador, rua do Ferregial de Baixo n.º 15, 2.<sup>o</sup> andar; e n'esta cidade em casa do sr. Pedro Lopes Guimarães, praça do Tóurral.

As assignaturas das provincias fazem-se em carta franca de porte ao administrador.

## Almanak Ecclesiasticum

Accomodado ao rito romano luzitano

Vende-se na praça do Tóurral n. 15, por cento e vinte réis.

Para o Ultramar varia o preço segundo a respectiva moeda.

## EXPEDIENTES

Desde já prevenimos todos os snrs. que queiram lançar annuncios ou publicações n'esta folha, e que não queiram ter o trabalho de vir a esta redacção, em consequencia de ser longe, as podem mandar entregar na rua da Tulha n.º 17.

Tambem pedimos aos illustissimos snrs. assignantes que foram da nossa folha «A Sentinella» e que ainda se acham em divida, o favor de enviarem a importancia de sua assignatura, para cujo fim lhes temos mandado avisos particularmente.

Podem fazel-o em estampilhas ou vales do corteio.



# LA ILLUSTRACION ESPANOLA Y AMERICANA

Este jornal, que se pode dizer um dos melhores que se publica na Europa, vê a luz da publicidade em Madrid nos dias 5, 15, e 25 de cada mez. Consta de 16 a 24 paginas cada numero a tres columnas com magnificas gravuras. Preço para Portugal, (franco pelo correio) anno, 73220 reis—semestre, 38900 reis—trimestre, 21600 reis. Assigna-se bem como *LA MODA ELEGANTE ILLUSTRADA*, na livraria Internacional, rua de S. Damazo, n.º 17, Guimarães.

## BIBLIOTHECA POPULAR

OU  
A INSTRUÇÃO AO ALCANCE  
DE TODAS AS CLASSES E DE TO-  
DAS AS INTELLIGENCIAS.

Por uma sociedade de homens de  
letras.

Preço de cada volume.....110 reis.

Esta bibliotheca constará dos seguintes volumes:—Noções Geraes—Direitos e Deveres do Cidadão—Economia Social—Vocabulario de Verdades—Hygiene—Medicina domestica—Leitura e Grammatica Portugueza—Historia Sagrada—Historia antiga e moderna—Historia romana—Historia da idade média—Historia de Portugal—Chronologia—Logica—Rhetorica—Philosophia e Moral—Prozadores portuguezes—Poetas portuguezes—Oradores e publicistas—Arithmetica—Systema metrico decimal—Escripturação commercial—Elementos de geometria—Mechanica—Elementos de physica—Elementos de chimica—Meteorologia—Elementos de Astronomia—Historia natural—Instincto dos animaes—Maravilhas da natureza—Botanica—Tratado de agricultura e medição agraria—Geographia—Cosmographia—Viagem á roda do mundo—Descobertas e invenções—Mythologia—Sciencia popular—Grammatica franceza.

Assigna-se e vende-se na Livraria Internacional, S. Damazo n.º 17.

## José C. Vieira de Castro.

Antes e depois do seu julgamento

POR SEU IRMÃO

A. MANOEL LOPES VIEIRA DE CASTRO

A venda nas livrarias Moré e Chardron. Um volume de 100 paginas.—Preço 100 reis.

Todas os pedidos devem ser dirigidos a Benito José de Faria, Cadozeira 200, Porto. Pelo correio recorre o porte de 15 reis. Dedução de 20 por cento para revenda.

## DIRECCÃO

Para socegar nas suas duvidas

AS ALMAS CHRISTÁS

Preço..... 100

Rua de S. Damazo, n.º 17

## VINHOS

FINOS



## VINHOS

FINOS

## VINHOS DO ALTO DOURO

### CASA DE VILLA POUCA

*José Narciso, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho:*

Engarrafado, (fora a garrafa).—	
Lagrima.....	200 reis
Tinto fino.....	240 "
Velho de meza em prova secca.....	300 "
Malvasia (2.ª qualidade).....	360 "
Vinho velho.....	400 "
Alvarado (superior).....	500 "
Bastardo velho.....	500 "
Malvasia (1.ª qualidade).....	500 reis
Moscatei.....	500 "
Vinho de 1834.....	600 "
" " 1825.....	1800 "
" " 1833.....	800 "
Roncon.....	700 "

Tambem tem os seguintes vinhos (a retalho):

Vinho de meza a 50, 60, 80 e a 120 reis o quartilho do tinto e 120 reis o branco. Quem comprar ao almude ou duzia de garrafas, terá abatimento razoavel nos preços. Este armazem tem depositos, em Fátima, em casa do sr. Miguel Antonio Monteiro de Campos & comp; em Vizella, em casa do sr. João Teixeira Alves, á Lameira; nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do sr. Bernardo Joze Fernandes Carneiro, rua do Souo, n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do sr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; em Aveiro, em casa do sr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do sr. Victorino Antonio Martins. Responde-se pela boa qualidada e pureza de todos estes vinhos; deixa-se fazer n'elles toda e qualquer experiencia chimica, e se ainda depois d'isto puder alquem duvidar da sua pureza, pedese-lhe que appareça no armazem, para assistir á sua lotação.

## COMPANHIA LISBONENSE DE TABACOS

em Santa Apollonia.

Deposito gera'—rua de S. DAMAZO n.º 17.—Guimarães.

## RELOJARIA

### JOÃO PINTO DA COSTA

Rua dos Mercadores—GUIMARÃES.

## PHARMACIAS

NESTA typographia imprimem-se, a tinta preta ou de cor, rotulos para garrafas, frascos etc., com o nome dos medicamentos ou sem elles, por preços muito commodos. Tambem se fazem rotulos para garrafas de vinho e licores, facturas, e todos os impressos que sejam encomendados.

Rua de D. João, n.º 15.

## AGUA CIRCASSIANA

Usada por todas as familias reais e no  
breza da Europa

Approvada pelos medicos mais eminentes, e por todos os jornaes estrangeiros. Torna os cabellos brancos á sua primitiva cor, louro, castanho ou preto. Faz renascer os cabellos, evitando sua queda.—Não é uma tintura.—Não enovelha o fato; tira completamente a caspa da cabeça. Na França, Inglaterra, Alemanha e America o uso da *Agua Circassiana* dispensa hoje todas as outras preparações e tinturas tão danosas para o cabelo. Preço do frasco 550 reis.

Deposito em Guimarães.—pharmacia Martins, rua dos Trigaes.

Portugal, a Liberdade e D.

Miguel II.

Sabiu á luz com este titulo um folheto de 70 paginas em 12.º

Vende-se em todas as livrarias e na de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, onde devem ser dirigidas todas as requisições.

Para as provincias serão feitas as remessas quando seja satisfeito com o custo do folheto o porte do correio.

Preço..... 120 reis.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua de D. João I n.º 15. Preço da assignatura por anno 28100 rs.—semestre 18200 rs.—trimestre 6000 rs.—com estampilhas por anno rs. 28910—semestre 18180 rs.—trimestre 7400 rs. Para o Brazil pelo paquete, por anno 68960 rs. semestr 33470 rs. Folha avulso ou supplemento 30 rs.: annuncios e correspondencias 30 rs por linha, repetições 20 rs. As publicações litterarias serão annunciadas, recebendo-se na redacção dois exemplares. Os escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituídos. As assignaturas serão pagas adiantadas.